

## **A magia vibrante de Lisboa**

Aquela viagem a Lisboa embrulhou-me numa rabanada acolhedora carregada de nostalgia. Cada segundo vivido naquela cidade única, cheia de mistérios, permanecia viva na memória, como se o tempo se negasse a avançar para me envolver, repetidamente, nas suas belezas e tradições.

Comecei a minha jornada no Cais do Sodré, um lugar que palpita com a energia ondulante do Tejo e, à noite, nas Docas com a barulheira infernal da música metálica e dos jovens já bêbados, na sua maioria.

Caminhei pelas margens do rio a ouvir o som das ondas marítimas, patrióticas.

Tinha combinado encontrar-me com o Luís, exatamente nesse local, durante o dia. Tínhamos namorado na faculdade e, de origens diferentes, cada um seguira o seu caminho. Íamos agora pôr um ponto final naquele vai, não vai.

E voei com Pessoa

**MAR PORTUGUÊS**

Ó mar salgado, quando do teu sal

são lágrimas de Portugal

Por te cruzarmos, quantas mães choraram,

Quantos filhos em vão rezaram! ...

Logo veio Camões ciumento

**PROPOSIÇÃO**

As armas e os barões assinalados

Que da Ocidental praia lusitana

por mares nunca dantes navegados

passaram inda além da Taprobana.

E por perigos e guerras esforçados

mais do que permitia a força humana  
entre gente remota edificaram  
novo reino que tanto sublimaram...

Fiquei-me pela primeira estrofe da proposição.

Senti uma paz indescritível. As cores do pôr do sol refletidas na água criavam um espetáculo saído de um sonho embalado pelo movimento constante dos barcos e pelas conversas animadas dos locais.

A brisa marítima tornou-se mais fresca, mesmo fria, e entrei no café envidraçado a observar as pessoas a correrem, para fugirem à tempestade que se aproximava célere e imprevista.

Não dei conta da sua entrada. Quanto tempo se tinha passado? Dois anos, em que nem eu nem ele tínhamos arranjado outro companheiro. Parecia mais velho. E estava, claro. Ficamos a olhar-nos, mais do que dez minutos, até passarmos à ação, totalmente inesperada. Para além do abraço um beijo na boca, bem sentido. Foram as palmas dos outros clientes que nos separaram.

Nenhum disse palavra e seguimos para o Museu dos Coches, uma verdadeira viagem no tempo. As carruagens antigas, decoradas com tantos pormenores sofisticados, contavam histórias de épocas passadas e de pessoas que marcaram a história de Lisboa. Cada peça parecia guardar segredos de uma outra era de elegância e tradição portuguesas.

Recordei o velho Luís que nos deixava ficar mal em todo o lado, porque passando as barreiras, foi sentar-se no veludo do coche.

-Ainda vais fazer com que nos prendam, Luís. Acaba com a brincadeira.

À noite, reexperimentei a alma do fado, a canção portuguesa-Património Imaterial da Humanidade, numa casa de fado no Bairro Alto. Com um ambiente acolhedor, iluminado por velas e decorado com azulejos tradicionais, as vozes emocionadas dos fadistas, acompanhadas pelo som da

guitarra portuguesa, cantavam a saudade, esse sentimento tipicamente português. Adoro o fado, uma canção que me toca particularmente, e mais encantada fiquei, quando a fadista cantou «O fado da Mouraria», a meu pedido. Ah! Amália, fadista por excelência, que levaste tão longe o nome de Portugal. Foste uma navegadora das palavras e da música, enrolada num xaile negro.

Não dei conta dele se levantar e fazer fosse o que fosse. Pensei que tivesse ido à casa de banho. Foi quando ouvi «Samaritana» cantada pela sua voz de tenor. Conhecêramos no Órfeão Universitário e ele fizera parte do Grupo de Fados. Aquele era um dos meus favoritos e recordei o dia em que me pedira namoro. Na altura, pensei que fosse a bebida a falar e não lhe respondera.

A sensação de ouvir aquelas canções carregadas de saudade e paixão era um sentir real da alma portuguesa, um momento de sofrer a emoção e autenticidade de ser português. Quando acabou, saiu do palco, ajoelhou à minha frente e apenas perguntou:

- Casas comigo?

A mesma pergunta com um outro sabor. Na sala não se ouvia uma mosca, todos suspensos da minha resposta e apenas disse : Sim.

Foi uma noite inesquecível com todos a pagarem bebidas, a cantarem, a exigirem que ele cantasse e até eu que cantava no órfeão e tinha uma belíssima voz de soprano. Não sei como cantei a Ave Maria de Gounod interpretada pela guitarra portuguesa, mas foi maravilhoso.

Antes de nos despedirmos daquela viagem relâmpago, para prepararmos o casamento, fomos saborear um pastelinho de Belém, essa especialidade popular da doçaria portuguesa, de inspiração conventual. E é uma delícia!

A visita fora cultural, de memórias sensitivas, olfativas e aromáticas. Mentira! Fora por causa dele e de mim. Memórias sentimentais. Demos

ainda um saltinho à Casa Portuguesa do Pastel de Bacalhau, situado na Praça do Comércio, junto ao Arco Triunfal da Rua Augusta e ao Rio Tejo, onde se serve o melhor pastel de bacalhau de Lisboa.

Deixámos para o fim, a subida ao Castelo de São Jorge, no topo de uma colina que domina a cidade. Não é Lisboa uma cidade assente sobre sete colinas?

A vista panorâmica de Lisboa, com as suas ruas de paralelepípedos, telhados vermelhos e o rio ao fundo, é de tirar o fôlego. Lá, sentada nas muralhas, senti uma nostalgia acolhedora.

E foi aí, com Lisboa aos pés, que começamos a preparar a caminhada a dois. Ele também não vivia em Lisboa. Trabalhava numa sucursal americana de uma linha de têxteis, com sede em Lisboa, mas com sucursal no Porto. Como CEO da companhia podia vir para o Porto e deslocar-se a Lisboa, quando necessário. E eu, que vivia em Guimarães, também podia vir para uma sucursal da minha companhia de produtos eletrónicos para máquinas, no Porto.

Essa escapada a Lisboa foi uma experiência única, gravada para sempre na minha memória, uma saudade doce bem portuguesa de uma cidade que encanta pelas suas tradições, pela sua história e pela sua alma vibrante e que, no meu caso, acabou por decidir a minha vida sentimental.

A saudade que ambos sentíamos de Lisboa, onde cursáramos as Engenharias, não era a da mocidade académica, tinha nomes Luís e Maria.